

PEDRO MARTINELLI FOGE DE CLICHÊS EM LIVRO DE FOTOS DA AMAZÔNIA

ALÉM DAS ARARAS

Rafael Barbosa
 Especial para o Correio

Fotos: Pedro Martinelli

O FOTÓGRAFO PEDRO MARTINELLI GARANTE QUE O FATO QUE MUDOU POR COMPLETO A TRAJETÓRIA DE SUA VIDA ACONTECEU EM 1970. FOI NESSE ANO QUE CONHECEU OS IRMÃOS VILLAS-BOAS NO CORAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA QUANDO ENTÃO, ELE, UM RAPAZ DE 20 ANOS, COBRIA PARA O JORNAL O GLOBO O PRIMEIRO CONTATO FEITO POR HOMENS, "BRANCOS", COM A TRIBO INDÍGENA KRANHACÁRORE, HOJE CHAMADA PANARÁS.

A empreitada, comandada pelos sertanistas Cláudio e Orlando Villas-Bôas, fez com que, dali para frente, aquele jovem fotógrafo redirecionasse tudo o que planejara até então. "Frequentei a Universidade Villas-Boas. Meu grande mestre se chamava Cláudio, os livros que usei foram as sandálias havaianas, a rede e a noite", argumenta o fotógrafo.

Em plena ditadura militar, os discursos pela dignidade dos índios e por uma proposta política anti-militarista feitos por Villas-Boas conquistaram Pedro. Nortearam a maneira como ele, nos anos seguintes, olharia para a floresta. "Por noites ouvi aquele homem, que era um filósofo. Acompanhei sua dor de não querer fazer contato com os indígenas, mas ser obrigado a fazê-lo."

O livro *Amazônia: O Povo Das Águas* começou a ser pensado naquela época. Depois disso, Pedro voltou para a cidade, mas nunca se desligou da Floresta Amazônica. Quando assumiu a diretoria de fotografia da Editora Abril, intensificou esse laço. Mas só em 1993 deixaria tudo e se dedicaria somente ao projeto pessoal. Comprou o barco Taba, que virou casa e meio de transporte. Junto com o comandante Almir de Almeida, passou a viver na floresta. Nesses últimos seis anos, Pedro investiu tudo que ganhou e foi para a Amazônia.

Gastou, aproximadamente, R\$ 240 mil. Mais: utilizou 990 rolos de filme e usou 25 mil litros de óleo diesel para abastecer o barco-moradia. O resultado pode ser conferido no livro e também em 50 fotografias feitas por ele, que estarão expostas no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo a partir de amanhã, quando será realizado o lançamento do livro. "Quero prestar contas às pessoas. Quero que todos saibam o que um homem que quer apenas fotografar a sua terra precisa gastar e fazer num país como o Brasil."

As 256 páginas do livro são, além do retrato da própria floresta, reflexo da vida que Pedro levou nesses seis anos, indo e vindo entre a Amazônia e a cidade de São Paulo. "Sobrevivi vendendo matérias para revistas. Passava seis meses direto na floresta. Quando o dinheiro acabava, voltava para a cidade e negociava pautas sobre a culinária do caboclo, arquitetura ribeirinha, com-

Beto Ricardo/Divulgação



Martinelli: influência dos irmãos Villas-Boas



Paraná do Albano, junho de 1995

portamento no mato..."

As fotos do livro são acompanhadas por textos escritos pelo jornalista Leão Serva, que esteve presente em algumas das viagens e escreveu baseado nas declarações feitas por Martinelli durante o tempo em que estiveram juntos na Amazônia.

Sobre o fato de seu livro estar sendo tratado como obra de enfoque antropológico, Pedro afirma que isso só ocorre devido a carência de estudos nessa área. "Durante todo o tempo em que estive enfiado no mato, só vi dois pesquisadores brasileiros. E eram estudantes universitários fazendo trabalho de campo. Os outros eram todos gringos."

Amazônia: O Povo Das Águas, segundo o autor, não tem como objetivo mostrar quem realmente é o caboclo que está enfiado no meio da mata. Para isso, apenas suas fotos não serviriam, precisaria de um livro para retratar o que desejava. "Constatei em 30 anos que o povo brasileiro pulou uma etapa importante para a formação de um país, que é dar valor a sua essência. E nossa essência está no caboclo que mora no meio da floresta. Que to-

dos nós achamos que são uns miseráveis. Eles aprenderam a viver da maneira correta. O fato de serem miseráveis, sob a nossa ótica, não significa que realmente estejam vivendo de modo miserável."

A paixão do fotógrafo pelo mato começou ainda na infância, quando ele e seu pai exploravam a Mata Atlântica paulista. Iam de trem de Santo André ao alto da serra. Foi lá que soube que sua vida, de um certo modo, sempre estaria ligada às matas. "Desde sempre detestei esse *deja vu* eterno, esse clichê de fotografar araras, vitórias-régias e índios dançando. Não é por aí que se mostra o verdadeiro espírito de uma floresta."

Quanto ao futuro, o fotógrafo garante que continuará tudo do mesmo modo. Terá sempre a mesma relação com a Amazônia e pretende lançar mais livros sobre ela, já que tem outros temas relativos ao assunto em andamento. "Pode parecer bobagem, mas eu juro: toda vez que falo sobre a Amazônia, sei que é o espírito de Cláudio Villas-Boas falando através de mim. É a mais pura verdade", emociona-se.

SERVIÇO

AMAZÔNIA: O POVO DAS ÁGUAS
 Livro do fotógrafo Pedro Martinelli, com textos do jornalista Leão Serva. Lançamento editora Terra Virgem, 256 páginas. R\$ 50,00.



Trabalhador nas margens do rio Nhamundá, julho de 1995